



EXISTÊNCIA, RELIGIOSIDADE E RESPONSABILIDADE NO TEATRO DE LUIS ALBERTO DE ABREU E JEAN- PAUL SARTRE

Janaina Soares Almeida Cruz

Orientador: André Luiz Dias Lima

Mestranda

RESUMO: A presente proposta pretende uma reflexão crítica sobre as peças O livro de Jó e Huis-Clos, dos escritores Luis Alberto de Abreu e Jean-Paul Sartre, respectivamente. Ambos os autores tratam de temas que nos afligem até os dias atuais, de modo que seus discursos contestaram, sob vários aspectos, as dissonâncias da sociedade vigente. Mais especificamente, interessa-nos pensar nos temas da angústia e do desamparo provenientes da responsabilidade do indivíduo diante de sua condição de liberdade, ao descobrir-se livre e frente às escolhas em sua própria existência. Em ambas as peças, a ação das personagens é colocada em reflexão. De um lado, Garcín, personagem de Huis-Clos, tem a liberdade de escolha de sair do quarto em que está confinado, mas se abstém desta responsabilidade; de outro lado, a personagem de Jó encontra-se, em diversas cenas, em inação, buscando em Deus a verdade e a responsabilidade frente suas próprias escolhas. Para anto, é na peça de Abreu onde os aspectos existenciais são explorados por meio da religiosidade e da fé. Muito além de fazer juízos de valor acerca de religião, aqui a proposta é pensar no que suscitam os martírios e provações pelos quais Jó passa, onde o questionamento da existência divina se faz presente em meio à responsabilidade de ação que deveria partir do indivíduo. Compreender os anseios do homem pós moderno frente às suas escolhas e a maneira com a qual ele lida com elas (referenciando, por vezes, a certa religiosidade) é um dos nossos objetivos. Ademais de pensar a importância que as peças têm para o século XX (principalmente no que tange os estudos do modernismo e do pós guerra), tencionamos demonstrar a importância do discurso dramático para a literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Luis Alberto de Abreu; Jean-Paul Sartre; Literatura Brasileira; Existencialismo; Teatro.



INTRODUÇÃO

Sob a luz do estudo do texto teatral enquanto literatura, o presente trabalho pretende investigar não só o diálogo entre duas peças escritas no século XX, mas também demonstrar a importância do discurso dramático para a literatura. Tanto Jean-Paul Sartre (1905 – 1980) quanto Luís Alberto de Abreu (1952 – atualmente) tratam, em suas obras literárias, de temas que nos afligem até os dias atuais, de modo que seus discursos contestaram, sob vários ângulos, as dissonâncias da sociedade vigente. A literatura como manifestação artística – arte feita com palavras - viabiliza e possibilita a concepção da realidade nos mais diversos discursos. O que vemos, em ambos os autores, é o encontro de temas que, embora ficcionais, representam a condição humana por meio de seus personagens. Em sua obra, *Problemas da Poética de Dostoiévski*¹, Mikhail Bakhtin atestou que:

O autor não pode inventar uma personagem desprovida de qualquer independência em relação ao ato criador do autor, ato esse que a afirma e enforma. O autor-artista preencontra a personagem já dada independentemente do seu ato puramente artístico, não pode gerar de si mesmo a personagem, esta não seria convincente. (BAKHTIN, 2010, p. 183-184.)

De certa forma, Bakhtin nos alerta para uma inserção de determinados sujeitos no discurso literário que já se encontram no mundo externo, tornando-se, assim, sujeitos ficcionais. Nesse sentido, o pensamento humano e as condições do ser são representados nesses sujeitos. No caso das peças que pretendemos trabalhar, *O livro de Jó*, de Luis Alberto de Abreu, e *Entre Quatro Paredes*, de Jean-Paul Sartre, há o interesse nas relações entre os temas da angústia e do desamparo e os aspectos existenciais das obras. Mais especificamente, interessar-nos-á pensar nesses aspectos por meio da reflexão da responsabilidade do indivíduo diante de sua condição de liberdade, do questionamento da existência divina (e a relação do sujeito com a religiosidade, nesse sentido) e da consciência de si como relação com o outro. Ademais, por tratarem de temas existencialistas, a relação entre sujeito real e sujeito ficcional pode ser ainda mais evidente se entendermos que o que se coloca no entremeio dessa condição é a própria consciência do sujeito em si.

¹ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

Vale mencionar que o interesse específico por essas obras surgiu no grupo de pesquisa Literatura e Dissonâncias, da Universidade Federal Fluminense, e ele se estende em dois vieses de pensamento: a ideia do texto teatral e o aspecto (talvez orgânico) dissonante em seu discurso (principalmente pensando na época em que as referidas peças foram escritas) e as experiências humanas que corroboram essa dissonância existencial. Antes de considerar a temática que pretendemos neste estudo, apresentaremos brevemente uma apresentação dos autores propostos e do que nos interessa em suas respectivas obras.

Essa dissonância existencial se estrutura dentro dos contextos em que as peças se inserem, pensando, então, nas obras teatrais como base para o entendimento das ações humanas. De acordo com Décio Almeida Prado, “tanto o romance como o teatro falam do homem – mas o teatro o faz através do próprio homem, da presença viva e carnal do ator.” (2014, p. 84). Sartre viveu em um período entre guerras mundiais, em meio a um período conturbado da História, e do qual ascenderam regimes totalitários. Sua filosofia, bem como sua dramaturgia, contribuiu para as ideias contemporâneas da época em que vivia, principalmente entre as décadas de 40 e 60, transformando-o em uma figura importante que teve influência direta no pensamento dos seres humanos (principalmente os jovens). Enquanto Sartre escreveu sobre filosofia em “O ser e o nada”, em *Entre Quatro Paredes* o autor nos convida a permear o inferno criado por ele em um texto de dramaturgia, construindo uma de suas máximas “o inferno são os outros”, pois três personagens são condenadas a conviverem após a morte, sem ao menos se conhecerem previamente. Garcín, uma dessas personagens, tem a liberdade de escolha de sair do quarto em que está confinado, mas se abstém desta responsabilidade (o que atesta sua escolha em não escolher). Em suma, Sartre procura abordar suas ideias referentes ao existencialismo neste drama, atestando que toda a relevância filosófica do ser individual e do conceito de liberdade do Homem e de sua consciência por meio das personagens podem ser interpretadas como o próprio existencialismo em si.

Quanto à Luis Alberto de Abreu, dramaturgo contemporâneo nascido em São Paulo, e com uma grande produção de textos, sua relação com temas que competem à sociedade vigente se assemelha ao que ocorreu com o escritor francês. Ainda que a época não seja a de guerras e os conflitos aqui sejam outros, estes não são menos existencialistas. O escritor atribuiu o desamparo e a angústia do ser humano à degradação da vida atual. Encenada pelo Teatro da Vertigem, a peça foi exibida em um local pouco usual, um hospital abandonado em um centro urbano, mas intencionalmente refletindo problemáticas da saúde que permeiam a

maioria dos sujeitos. A peça inicia-se com os narradores, um Mestre e um Contramestre em cena, e é possível que logo o leitor reconheça a recriação do texto bíblico com a referência aos dias atuais. O narrador indica, então, que a personagem “talvez seja um doente cuja proximidade da morte faz perder a razão. Ou talvez não.”, demonstrando que o Jó contemporâneo está em um hospital.

Na época de sua representação, na década de 90, a AIDS encontrava-se em culminância; em meio ao ambiente hospitalar, então, Jó poderia ser a personagem que representa toda a barbárie humana, e o local abandonado reflete a existência do homem frente à sua condição. Vale lembrar, também, que nesta mesma época houve o massacre aos detentos no presídio Carandiru, em São Paulo, o que reflete problemáticas pós-modernas no indivíduo Jó, desta vez não tão “paciente” e pacífico a um deus que não parece se importar com seus “filhos”.

Em resumo, e primordialmente, o presente trabalho tenciona uma reflexão crítica entre os dois escritores já mencionados, pensando na relação de conflitos do sujeito com a sua liberdade e responsabilidade, e nas implicações que dela advém, como por exemplo, a angústia e o desamparo. Tomaremos como ponto de partida o pensamento existencialista dos trabalhos filosóficos de Jean-Paul Sartre, dialogando, ao longo da dissertação, com outras obras dos escritores. Também buscaremos analisar as peças em outras temáticas que daí se desdobram, como a relação da responsabilidade do homem pelas suas escolhas e sua relação com a religiosidade/existência de Deus, e a questão do outro como consciência de si, sempre em diálogo com a relação conflituosa do homem consigo mesmo e com sua contemporaneidade.

No que se refere à Abreu, o autor explora, por meio da religiosidade e da fé, o “inferno” ainda em vida, em contraponto com o post mortem das personagens da peça de Sartre. A partir do título do texto, logo percebemos a semelhança com o texto bíblico, isto é, uma releitura d’O livro de Jó da bíblia. No texto antigo, no entanto, a passagem tem intenções pedagógicas e morais, pois Jó se mostra fiel a Deus até o final, e termina sendo recompensado por isso. Contudo, no texto de Abreu, após Jó perder tudo o que possuía, sua fé é abalada e ele entra em conflito existencial consigo mesmo. Esse conflito gera dúvidas e angústias na personagem, que passa a colocar Deus e suas próprias questões como ser humano à prova “Eu já nada sei. / Se sou inocente ele me castiga / Se sou culpado por que pedir em vão?” (ABREU, 2011, p.497).

O SUJEITO QUE SE DESMANCHOU NO AR

De maneira geral, a ideia principal deste projeto tenciona compreender, por meio dos aspectos de representação nessas obras, os anseios do homem pós-moderno² frente às suas escolhas e a maneira com a qual ele lida com elas e as referencia a certa religiosidade. O que queremos dizer aqui concerne à condição humana do sujeito e que, no caso da literatura, é dada por sujeitos ficcionais. É perceptível, nas duas obras citadas, a consciência e a ação dos protagonistas identificadas com o fenômeno existencialista. Se, por um lado, na peça de Sartre, as personagens (principalmente Garcin) se colocam frente à sua essência e seus conflitos após a morte (isto é, segundo o filósofo, “a existência precede a essência”), o que vemos em Abreu é a figura do homem necessitando da explicação de sua própria essência em vida, por meio da religiosidade e da fé. Ao afirmar que a existência precede a essência e que não há um Deus que irá nos guiar mediante nossas ações, o existencialismo defende a ideia de que o homem tem a total liberdade de suas próprias escolhas. Nesse momento, porém, o homem pode encontrar-se desencorajado frente a essa liberdade de escolha, pois, como afirma Sartre, suas escolhas influenciam e causam impacto em toda a humanidade.

De acordo com o Dicionário de Obras Filosóficas³,

O existencialismo sartreano consiste, pois, em opor o ser livre, cuja existência e liberdade se confundem, ao ser – coisa em si – para quem tudo está determinado de antemão e que não possui margem alguma, domínio algum de libertação possível. (HUISMAN, p. 496).

Assim como Jó, o homem moderno pensou ser livre com a modernidade, e desejou isso. Porém, a modernidade o corrompeu e o transformou em um prisioneiro. Logo, ele, como sujeito, clama por respostas, o que muitas vezes se converte em buscar algo maior, que o transcenda, assim como a humanidade anterior à modernidade clamava a um deus.

Berman (2013) solidifica pontos como estes quando afirma que, “como nas formas futuristas e tecnopastorais do modernismo, o homem como sujeito – como ser vivente capaz de respostas, julgamento e ação sobre o mundo – desapareceu”. (BERMAN, 2013, p. 39). A ideia, então, é refletir acerca do homem contemporâneo com base na modernidade que se desmanchou nos ares da primeira metade do século XX e se segue nos demais anos dentre

² Como pós moderno, tencionamos pensar nas possibilidades da identidade cultural pós moderna em Stuart Hall e na tese de Bruno Latour de que “Jamais fomos modernos”.

³ HUISMAN, Denis. Dicionário de obras filosóficas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

suas consequências. Ser moderno é pensar que controla a própria vida, mas estar à mercê do consumo de massa. Ser moderno é ir contra determinadas doutrinas, mas sucumbir às mesmas involuntariamente. Ser moderno é fazer parte de inúmeras contradições e paradoxos, parafraseando Berman. Ser moderno é, afinal, viver entre os híbridos (LATOURE, 1994). É não ser/estar sólido. É pensar estar cada vez mais consciente, mas, na verdade, estar preso a uma sociedade enferma.

De algum modo, o que a vida moderna proporcionou aos homens com a industrialização acabou por suprimir em igual escala a sua subjetividade. Vivemos em meio a uma revolução social que está sempre em mudança desde as revoluções do século XVIII, e que teve como objetivo, durante todos estes séculos, o progresso da vida humana. Contudo, o sujeito põe sua individualidade de lado ao desnudar-se frente à economia burguesa (MARX), nos empurrando o que ele chama de niilismo burguês. Berman comenta, acerca disso, que a essência desse niilismo se concretiza com base na ordem burguesa, e não no que Dostoiévski e Nietzsche atribuirão à morte de Deus e ao racionalismo.

Entretanto, e em contraponto ao niilismo, ao afirmar que a existência precede a essência e que não há um Deus que irá nos guiar mediante nossas ações, o existencialismo defende a ideia de que o homem tem a total liberdade de suas próprias escolhas. Nesse momento, porém, o homem pode encontrar-se desencorajado frente a essa liberdade de escolha, pois, como afirma Sartre, suas escolhas influenciam e causam impacto em toda a humanidade.

Como já mencionamos anteriormente, foi com o advento da modernidade que a mentalidade dos sujeitos modificou-se em grande escala, pois o mundo assim se modificou igual. Embora estas reflexões acerca do homem moderno já existissem com os autores do século XIX, foi com a industrialização e, conseqüentemente, a urbanização das cidades, que os valores tradicionais converteram-se em superficiais e mutilados. Max Weber (1994) atesta que:

O homem civilizado, ao contrário, colocado em meio ao caminhar de uma civilização que se enriquece continuamente de pensamentos, de experiências e de problemas, pode sentir-se ‘cansado’ da vida, mas não ‘pleno’ dela. Com efeito, ele não pode jamais apossar-se senão de uma parte ínfima do que a vida do espírito incessantemente produz, ele não pode captar senão o provisório e nunca o definitivo. (WEBER, 1994, p. 31).

Nestes termos, a relação entre religiosidade e sociedade se mostra necessária para compreender o homem que cruzou o “moderno” e o “pós moderno”, distanciando-se de suas raízes e levando-o a uma possível crise de valores. Essa crise reconfigurou a mentalidade do homem, inclusive no que diz respeito à sua relação com a fé. Houve, então, o rompimento secular da religião como instituição que controla o homem, mas, diante desse “novo homem” (BARTH, 2007), há também o retorno à ilusão de liberdade do sujeito e de suas escolhas, o que corrobora pensar na proposta de moral religiosa como forma de o homem se distanciar da responsabilidade de suas ações.

Sartre, de maneira geral, atribui ao ser humano a condição de legislador de sua própria moral, e chega a afirmar que, no fundo, queremos ser Deus; o que ocorre meramente como uma maneira do ser negar-se a si próprio. Ele ainda observa que “esta espécie de angústia, que é a que descreve o existencialismo [...] por uma responsabilidade direta frente aos outros homens que ela envolve. Não é ela uma cortina que nos separe da ação, mas faz parte da própria ação.” (SARTRE, 1973, p. 14). Porém, como vivemos no tempo dos híbridos (LATOUR, 1994), de uma nova “condição pós-moderna” (HARVEY, 1992), as novas práticas culturais contemporâneas suscitam uma nova maneira de pensar, compreendendo que não é mais necessário separar ou opor fé e razão, pois, “na visão e compreensão do homem moderno, o centro do universo passa a ser ele mesmo. Deus e o mundo passam para um segundo ou terceiro plano.” (BARTH, 2007, p. 98) Ainda segundo Barth, há “um retorno ao sentimento, à explosão religiosa e a um novo comportamento diante do mundo, do outro, de si mesmo e de Deus.” (idem, p. 90)

Ademais da relação com a AIDS pelo momento específico em que foi escrita e produzida, a releitura bíblica do Jó de Abreu se propõe atravessar questões existenciais humanas. É por meio deste viés que pensamos, no presente trabalho, nas possíveis ligações entre modernidade e o existencialismo de Sartre para pensar no sujeito contemporâneo e na noção de pós modernidade que alguns intelectuais assim atribuem aos nossos tempos.

Tanto Sartre quanto Abreu contestaram o modo de vida da sociedade vigente à sua época e encontraram no teatro a ressonância necessária para promover seus discursos. São essas vozes dissonantes, daquele e de nosso tempo, que nos permitem, então, encontrar brechas de conscientização. Mais do que isso, havemos de pensar em modernidade ainda hoje, sem que nos atenhamos apenas a noções como a de pós modernidade. Nas palavras de Berman: “É somente mantendo vivos esses laços que o ligam às modernidades do passado —

laços ao mesmo tempo estreitos e antagônicos — que o modernismo pode auxiliar os modernos do presente e do futuro a serem livres.” (BERMAN, 2013, p. 408)

O RETORNO À RELIGIOSIDADE E O SER EXISTENCIAL

No entanto, no que tange à aparente oposição entre fé e razão n’O Livro de Jó de Abreu, encontramos uma relação que se mostra complacente ao final da peça, tencionando uma proximidade não antagônica entre os dois conceitos. No nível narrativo, a personagem da Matriarca, poderia ser representada aqui como o existencialismo ateu de Sartre, pois ela é a única personagem que se afasta completamente da figura de Deus e que busca por respostas concretas, pela sua própria responsabilidade e liberdade, criticando a fé. Enquanto Jó, ainda que busque respostas e não aja completamente passivo ao seu Deus, tenta se manter firme em suas crenças (pois, acima de tudo, ele busca suas verdades).

A matriarca, então, contrapõe o pensamento do marido: “ATOR-JÓ – Se Deus está morto / O que há agora em seu lugar? / MATRIARCA (acariciando Jó) – Apenas a mão humana / E o que ela pode moldar. / Existe só o sonho humano / E o que ele pode inventar. / ATOR-JÓ – Se Deus não há / Acabou nossa procura / E ninguém nos cura / De nossa louca insensatez! / MATRIARCA – Se Deus há / O homem é esse Deus / E, dentro de si, / Carrega seu próprio veneno / E sua própria cura!” (ABREU, 2011, p. 505). Entretanto, esta oposição é marcada pelo narrador com a reflexão final de que a interpretação depende da verdade de cada sujeito: se há ou não a existência de Deus, isto está dentro de cada ser humano. O próprio Luis Alberto de Abreu declarou sobre a Matriarca que:

Ela ganha uma importância fundamental, representando a terra, o instinto, o ateísmo, o materialismo e, portanto, é aquela que se enfurece e que cria um contraponto com Jó. Não aceita o que o destino lhe impõe, e essa é também uma característica heroica: a vontade de transcender, de ir contra as profecias, romper os limites impostos. E, no caso, seria difícil tomar partido. Tanto Jó quanto sua Mulher teriam pesos equivalentes, cada um com suas razões. (NICOLETE, 2004)

Em termos existencialistas, independentemente de teísmo ou ateísmo, esta verdade é como construir a própria essência, cujas características se baseiam na existência de cada ser como indivíduo, não preexistindo, assim, uma natureza humana que condicione os homens a um modo específico de viver ou pensar.

Se, no passado, o estabelecimento de Deus e seu senhorio no universo resultavam no estabelecimento de verdades absolutas e um papel periférico ao homem, agora não existem absolutos. Tudo é muito provisório, relativo, em vir-a-ser. Tudo é projeto, não existe nada acabado. (BARTH, 2007)

Vemos que há, na peça, o conflito entre fé e razão, quando esta última sobrepõe a primeira e a dúvida de um deus soberano e responsável por tudo e todos acomete Jó. Sartre, em seu pensamento existencialista, atesta que estamos todos condenados a uma liberdade de existência que, com essa dúvida sobre a fé, acaba por legitimar o profano e causar a angústia. “É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser, é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão” (SARTRE, 1998, p. 72). Com a releitura de Jó, não há preocupação com a injustiça divina, mas com o desamparo, sofrimento e revolta do homem e sua relação com Deus, e, é claro, como ele lida com isso subjetivamente.

Desse modo, o pensamento existencialista segue seu propósito de reflexão no mundo pós-moderno, e isto não diminui os problemas da subjetividade humana, principalmente no que tange aos problemas mais atuais, pois o homem (enquanto ser subjetivo) continua se atendo à religião e à fé como meio de fuga da realidade. O medo da liberdade e as tentativas de escapar da responsabilidade que ela provoca continuam mergulhando o homem em suas próprias angústias e abdicando-o de engajar-se criticamente no que Sartre entende por humanismo. Isso nos faz questionar: de que modo a religiosidade do homem também pode influenciar na moral de uma sociedade que precisa se aliviar da reponsabilidade por suas ações? Ou, ainda, até que ponto Deus é o limite ético da existência dos seres humanos?

Como este trabalho encontra-se escrito no primeiro ano do mestrado, tencionamos estas considerações iniciais para adentrar na pesquisa de forma mais acertada. De todo modo, também buscamos, além de descrever um pouco das obras e dos temas em comum para esta investigação, indicar recursos que nos possibilitem perceber melhor a relação teatro e literatura. Enquanto obra escrita para ser ensaiada, pensamos aqui na relação entre texto-representação como um diálogo capaz de transcender e conciliar o entendimento próprio das contradições humanas, pois o texto dramático possui essa peculiaridade de significação ainda que não seja fundamentalmente necessário o estudo da montagem. De acordo com Ubersfeld (2013, p. 6), “há, no interior do texto do teatro, matrizes textuais de ‘representatividade’; que



um texto de teatro pode ser analisado de acordo com procedimentos (relativamente) específicos que iluminam os núcleos de teatralidade no texto.”. Neste caminho, também pensamos nas ideias abordadas por Prado (2014) no que concerne à personagem de teatro, pensando no que ela revela sobre si mesma, no que faz e no que os outros dizem a seu respeito. No último modo de conhecimento, há a criação da peça de ideias, na qual se inclui Sartre, e que então permite às personagens confrontarem e discutirem os próprios problemas no drama.

Outrossim, pensando em uma perspectiva do estudo do teatro nos cursos de Letras, e da importância do discurso dramático como obra literária, “...nada impede que busquemos o ‘prazer do texto’ – para lembrar a feliz expressão de Roland Barthes – na leitura de peças teatrais ou que as estudemos criticamente” (FARIA, 2013, p.502). Convém destacar, então, o interesse em evidenciar a relevância do texto de dramaturgia (comparando-o ao texto narrativo) nos Estudos de Literatura.

Ao início deste trabalho, mencionei o escritor russo Fiódor Dostoiévski como um dos primeiros a evidenciar os confrontos entre modernidade e subjetividade, o que me faz remeter à parábola d’O Grande Inquisidor, de *Os Irmãos Karamázov*: ‘o homem prefere a paz e até a morte à liberdade de escolha no conhecimento do bem e do mal.’ Abster-se e não engajar-se frente à sociedade também é uma escolha, e o existencialismo pode nos mostrar que ‘a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira.’ (SARTRE). No ínterim do teatro pós guerra e do que propõe o Teatro da Vertigem (com a encenação de um texto bíblico em um hospital), a modernidade se converteu em pós modernidade, transitando entre o advento da tecnologia e a superação do homem e as consequências do totalitarismo pós catástrofe.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luís Alberto de. *O livro de Jó*. In: NICOLETE, Adélia (org.). *Luís Alberto de Abreu: um teatro de pesquisa*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARTH, Wilmar Luiz. *O homem pós-moderno, religião e ética*. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 37, n. 155, p. 89-108, 2007.



BERMAN, Marshall; MOISES, Carlos Felipe; IORIATTI, Ana Maria L. *Tudo que e solido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

FARIA, João Roberto. "O estudo da dramaturgia brasileira no curso de Letras". In: WEINHARDT, Marilene et al (org.) *Ética e estética nos estudos literários*. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de carlos Irineu da Costa. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009.

NICOLETE, Adélia. *Luís Alberto de Abreu: até a última sílaba/por Adélia Nicolete*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2004.

PRADO, Décio de Almeida. "A personagem de teatro". In: Antonio Candido... [et al.]- *A personagem de ficção*. 13 ed. São Paulo : Perspectiva, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. *A idade da razão*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril, 1972.

_____. *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. *Entre quatro paredes*. Trad. Guilherme de Almeida. São Paulo : Abril Cultural, 1977.

_____. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo : Abril S.A., 1973

UBERSFELD, Anne. *Para ler o teatro*. Tradução de José Simões Almeida Junior. São Paulo: Perspectiva, 2013

WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.